



***EDUCAÇÃO EM GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA: EXPERIÊNCIAS
EXITOSAS NO IFRS CAMPUS BENTO GONÇALVES***

***EDUCACIÓN EN GÉNERO, SEXUALIDAD Y RAZA: EXPERIENCIAS
EXITOSAS EN EL CAMPUS BENTO GONÇALVES DEL IFRS***

***GENDER, SEXUALITY, AND RACE EDUCATION: SUCCESSFUL
EXPERIENCES AT IFRS BENTO GONÇALVES CAMPUS***

Robert Reiziger de Melo Rodrigues¹

Leticia Schneider Ferreira²

RESUMO

O espaço escolar não está isento dos preconceitos que ocorrem fora dos muros da instituição. Por isso, é necessário pensar estratégias de inclusão que visem ao respeito e à diversidade no ambiente educacional. Nesse ínterim, surge o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade no campus Bento Gonçalves do IFRS. Trata-se de um espaço de acolhimento e de produção científica criado em 2015, a partir da demanda dos próprios estudantes, demonstrando o protagonismo estudantil. Para tanto, este relato apresenta algumas ações exitosas realizadas pelo referido núcleo ao longo dos seus 10 anos de existência, destacando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O objetivo deste relato é propiciar reflexões sobre as propostas promovidas pelo NEPGS BG e o estímulo deste espaço ao protagonismo dos jovens estudantes, incentivando o espírito crítico e o exercício democrático. Consta-se que, embora as ações sejam relevantes, ainda há desafios que se impõem e espera-se que, nos próximos dez anos, o núcleo se encontre ativo e seja uma referência na luta por uma escola mais inclusiva e respeitosa para com a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Sexualidade. Educação. Diversidade.

RESUMEN

¹ Mestrando em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutora em História. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

El espacio escolar no está exento de los prejuicios que ocurren fuera de los muros de la institución. Por ello, es necesario pensar en estrategias de inclusión que promuevan el respeto y la diversidad en el entorno educativo. En este contexto, surge el Núcleo de Estudios e Investigaciones en Género y Sexualidad en el campus Bento Gonçalves del IFRS. Se trata de un espacio de acogida y producción científica creado en 2015, a partir de la demanda de los propios estudiantes, lo que demuestra su protagonismo. Este relato presenta algunas acciones exitosas realizadas por dicho núcleo a lo largo de sus 10 años de existencia, destacando la indisolubilidad entre enseñanza, investigación y extensión. El objetivo de este informe es estimular la reflexión sobre las propuestas que promueve el NEPGS BG y el estímulo de este espacio para el protagonismo de los jóvenes estudiantes, fomentando el pensamiento crítico y la práctica democrática. Se constata que, aunque las acciones son relevantes, todavía existen desafíos. Se espera que, en los próximos diez años, el núcleo continúe activo y se convierta en un referente en la lucha por una escuela más inclusiva y respetuosa con la diversidad.

PALABRAS-CLAVE: Género. Sexualidad. Educación. Diversidad.

ABSTRACT

The school environment is not exempt from the prejudices that occur beyond the institution's walls. Therefore, it is essential to develop inclusion strategies that promote respect and diversity within the educational setting. In this context, the Center for Studies and Research in Gender and Sexuality was established at the Bento Gonçalves campus of IFRS. Created in 2015 in response to student demand, it serves as a space for support and scientific production, highlighting student leadership. This report presents some successful actions carried out by the center over its 10 years of existence, emphasizing the inseparability of teaching, research, and community outreach. The objective of this report is to encourage reflection on the proposals promoted by NEPGS BG and the encouragement of this space for the active participation of young students, encouraging critical thinking and democratic practice. It is evident that, although the initiatives are significant, challenges still persist. It is hoped that, over the next ten years, the center will remain active and become a reference point in the fight for a more inclusive and respectful school environment that embraces diversity.

KEYWORDS: Gender. Sexuality. Education. Diversity.

Introdução

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) criou, em 2016, o Núcleo de Ações Afirmativas (NAAF). Trata-se de um setor instituído em cada unidade (campus ou reitoria) e que corresponde a um espaço propositivo e consultivo que media as ações afirmativas na instituição, congregando as ações dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e

Núcleos de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade (NEPGS), as quais estão regulamentadas em documento próprio.

Inicialmente, os três referidos núcleos vinculavam-se ao NAAF. Porém, de acordo com a demanda de cada comunidade escolar, cada um deles pôde ser emancipado em um núcleo próprio, com maior autonomia, de forma a desenvolver atividades voltadas especificamente para a temática abrangida pelo núcleo, a saber: gênero e sexualidade; afrobrasilidade e indigenismo; e inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas. Dessa forma, é importante verificar como esses núcleos atuam e impactam a vida dos membros da comunidade escolar do IFRS.

Pondera-se que, mesmo antes da existência dos referidos núcleos, essas temáticas já estavam inseridas no ambiente escolar, seja através de conteúdos desenvolvidos nas disciplinas, seja por especificidades de cada *campi*. No caso do IFRS Campus Bento Gonçalves, em 2015, um grupo de jovens do Ensino Médio solicitou aos professores que fizessem ações de promoção ao respeito à diversidade de gênero e sexualidade, uma vez que situações homofóbicas e machistas eram normalizadas entre os discentes. A partir de então, o grupo de estudantes, juntamente com professores da área de Humanidades, reuniu-se quinzenalmente para reuniões e alinhamento de ações, tornando o Campus Bento Gonçalves um pioneiro na implementação do NEPGS e, mais do que isso, demonstrando o protagonismo estudantil para que isso ocorresse.

Nesse sentido, este texto apresenta as experiências relativas à educação em gênero, sexualidade e raça realizadas pelo NEPGS do IFRS Campus Bento Gonçalves desde a sua criação até os dias de hoje. Para tanto, o relato está organizado da seguinte maneira: no tópico seguinte, é apresentada uma conceituação teórica a respeito das perspectivas de gênero e sexualidade no ambiente educacional, pautada pelos estudos de Fernando Seffner (2016) e Nelma Pintor (2022). Na sequência, apresentam-se as ações realizadas pelo NEPGS, bem como as dificuldades e os desafios enfrentados para a concretização das atividades. Por fim, são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

Educação para a diversidade no ambiente escolar

O espaço escolar se caracteriza pela complexidade de quem integra sua comunidade, interna e externa, e é um local privilegiado para o convívio com diferentes maneiras de ser e existir no mundo. Isso ocorre porque “a escola pública brasileira é hoje

habitada por um público escolar que têm enormes diferenças, seja de gênero, raça, classe, pertencimento religioso, orientação sexual, origem familiar, valores culturais, credo político, juízos morais” (Fernando Seffner, 2016, não paginado). Dessa forma, crianças e adolescentes de diferentes culturas convivem juntas e, a partir disso, percebem que as diferenças são constituintes da sociedade e, então, passam a vê-las com respeito e não com discriminação.

No entanto, o ambiente educacional não está isento dos preconceitos que se manifestam fora dos muros da instituição. Nesse sentido, no cotidiano escolar, “tanto se produzem alianças, parcerias, mestiçagens, encontros inusitados, como também violências, hostilidades, rechaços, discriminações” (Fernando Seffner; Carlos Eduardo Barzotto, 2024, p. 19). Surge, então, a necessidade de que o professor atue como um adulto de referência (Seffner, 2016), isto é, vá além da sua área de expertise e opere uma política pública, a educação, em sentido amplo, com liberdade para debater, ensinar e aprender para além do conteúdo programático.

O enfrentamento de convicções oriundas do âmbito familiar com outras perspectivas faz parte do processo de crescimento e amadurecimento para a inserção social, de modo a estimular um olhar de empatia e respeito pelo outro. Portanto, é através da interação social que ocorre no ambiente escolar que os discentes “vão experimentar um elevado grau de sociabilidade com outras crianças e jovens acionando a identidade de pertencimento de suas culturas juvenis próprias, em negociação com os pertencimentos de outros jovens a outras culturas juvenis diversas da sua” (Seffner; Barzotto, 2024, p. 9). É a partir dessa interação com as diferenças do outro que pode-se pensar uma educação ampla na perspectiva da inclusão.

Nelma Pintor (2022) define que a meta da educação inclusiva é fazer “uma educação que acolhe o (a) aluno (a) em si, como pessoa com dignidade, antes de perceber ou qualificar características de gênero, de cor, de etnia, de poder aquisitivo, de orientação religiosa; enfim, que acolhe o ser humano em sua subjetividade e integralidade” (Pintor, 2022, p. 38). Aqui, pode-se pensar na perspectiva da inclusão em duas óticas: a que se relaciona às necessidades educacionais específicas (deficiência física ou intelectual), ou a inclusão de grupos minoritários ou marginalizados (negros, indígenas, homossexuais, mulheres). A autora também afirma que “os seres humanos são seres de educação, de cultura e de direitos, que necessitam viver com dignidade e respeito, considerando-se suas possibilidades, capacidades, fragilidades e limitações” (Pintor, 2022, p. 30). Dessa forma,

justifica-se a importância do acesso à educação para todos, uma vez que é o conhecimento que promove a emancipação dos indivíduos.

O debate acerca da inclusão pode ser um elemento importante para a desconstrução de preconceitos que permeiam o cotidiano da sociedade. Nos últimos anos, observa-se que determinados grupos marginalizados, principalmente aqueles vinculados às questões de gênero, sexualidade e raça, vêm sendo estigmatizados por estratégias de desinformação que se pautam, principalmente, por duas vertentes: 1) a utilização da condição minoritária como vitimismo para obter vantagens; e 2) uma suposta constituição de uma ideologia de gênero com caráter doutrinador. Quanto a essa questão, pode-se dizer que:

Há na sociedade brasileira uma profusão de movimentos sociais de caráter francamente reacionário, como ‘escola sem partido’, que ataca a educação democrática, e a pretensa denúncia de uma ‘ideologia de gênero’, que ataca a liberdade de ensinar em questões de gênero e sexualidade, buscando sufocar a possibilidade do direito a ter direitos. (Fernando Seffner; Fernando Penna, 2024, p. 42)

Os profissionais da educação não podem se abster de debater estes temas, pois estão em um ambiente propício ao estabelecimento do diálogo e da democracia, a qual se sustenta pelos discursos plurais, e deve se mostrar um ambiente aberto a esta problemática que está presente na vida de todos os estudantes, servidores e comunidade externa. As pautas de gênero, sexualidade e raça estão vinculadas a uma perspectiva ampla de direitos humanos, questão que também vem sendo atacada por narrativas que procuram criminalizar aqueles que sustentam suas ações em princípios de respeito pelas diferenças.

Assim, a escola é o local no qual as problematizações relativas às temáticas supracitadas podem ser devidamente debatidas, principalmente para desmistificar informações falsas, como a tão difundida ideologia de gênero. É necessário compreender que determinados grupos não se adequam aos padrões de gênero e que este termo, por sua vez, não diz respeito a algo que é proveniente da natureza humana, mas sim a algo que é construído no espaço-tempo e é diferentemente percebido a depender da cultura a qual se está analisando. As transformações em relação ao olhar sobre as vivências de gênero são perceptíveis quando historicizadas e, na medida em que é possível observar avanços nas possibilidades de expressar identidades, há uma nítida reação de setores conservadores, que procuram impedir as mudanças na sociedade.

Na escola, a perspectiva das transformações se coloca de modo muito evidente e é essencial que os atores que dela participam estejam preparados e abertos para essas formas de vivenciar as mudanças. Para tanto, é necessário incluir aqueles que são considerados ‘diferentes’ de forma ampla, garantindo que as performances de gênero e sexualidade não sejam oprimidas, causando um processo de in/exclusão no qual “o sujeito é incluído em sua diferença, mas não pode manifestar justamente sua diferença em relação aos demais, ou então é fortemente instado a adequar-se à norma” (Seffner; Barzotto, 2024, p. 17).

Não se pode pensar no ambiente educacional como um espaço de normalização, ideia que ainda hoje está presente no imaginário social, ou seja, o espaço escolar como um lugar de formatação de cidadãos aptos a inserir-se na sociedade numa perspectiva de adaptação às normas sociais. As discussões de gênero têm exatamente o papel de identificar as diferenças e provocar o questionamento, revelando que muitas das noções compreendidas como naturais, como a heteronormatividade e a generalização das ações de meninos e de meninas (como a cor rosa para elas e a azul para eles), são situações que marginalizam, excluem e que estabelecem desigualdades. Deste modo, os discursos com bases essencialistas acabam por limitar existências, o que é possível verificar ao observar os empecilhos vividos por mulheres ao longo da história para acessar determinados bens e funções, de forma que muitos atribuem a menor quantidade de mulheres artistas, cientistas, ou profissionais de outras áreas a uma incapacidade inata do gênero feminino, e não aos obstáculos impostos por uma sociedade patriarcal e misógina. Tal situação nem sempre é explícita, mas reside de forma sutil nas expressões populares, como prescrições diversas aos corpos considerados de meninas e meninos.

Muitos dos críticos à abordagem de gênero na escola, seja por desconhecimento do tópico, seja por má fé, ignoram que o silenciamento não elimina a presença da diversidade, ao contrário, apenas induz os membros do espaço escolar a não construir um olhar respeitoso e mobilizado para a defesa da igualdade. A escola pode ser um espaço que ultrapassa o conhecimento sobre disciplinas específicas, ao passo em que está atenta à formação integral dos estudantes e de todos que convivem neste local, oferecendo um ambiente seguro para a vivência da diferença. A relevância do debate deste tópico é mencionada por Seffner e Barzotto (2024, p. 4), ao afirmarem que:

a pertinência da abordagem de gênero e sexualidade na escola, em positiva conexão com tópicos como dignidade das crianças e dos

jovens, direitos humanos, saúde sexual e reprodutiva, demandas das culturas juvenis para que tais assuntos sejam abordados, necessidade de prevenir a violência sexual e de gênero, construção de relacionamentos marcados pela equidade de gênero, entre muitos outros tópicos de debate na formação das crianças e dos jovens. (Seffner; Barzotto, 2024, p. 4)

Percebe-se, então, que há muitos benefícios para a abordagem desta temática no ambiente educacional e que, de uma forma ou de outra, os estudantes terão contato com esse assunto. Na filosofia, se fala de Sócrates, Platão e Aristóteles, mas não há citação a mulheres. Na literatura, os grandes romancistas são Machado de Assis e José de Alencar. Na matemática, os teoremas são de Tales, Pitágoras e Arquímedes, como se, ao longo da história, não houvesse mulheres nas ciências exatas. Portanto, fica evidente que:

A cultura escolar é atravessada por questões de gênero e sexualidade. Nenhuma criança ou jovem realiza a trajetória escolar sem tomar contato com importantes momentos de sociabilidade nos quais os marcadores gênero e orientação sexual estejam presentes. A abordagem desses temas em sala de aula tem implicações para uma cidadania adequada, a melhor compreensão da natureza do espaço público, o cuidado com a saúde, para que se evitem violências de gênero e sexualidade, para que não se ampliem processos de marginalização e discriminação. (Seffner; Penna, 2024, p. 51)

Tal abordagem no processo de escolarização não se dará, evidentemente, por meio de uma discussão conceitual complexa, mas sim apresentando às crianças e adolescentes recursos lúdicos e que os motivem a refletir sobre os tópicos que se deseja discutir. Assim, ministrar determinados conteúdos ou abordar temas complexos requer que os envolvidos estejam não apenas convencidos da importância desses temas, mas também tenham conhecimento sobre as pessoas para as quais se direciona a atividade e o espaço na qual ela irá ser desenvolvida. Um ambiente seguro e lúdico pode proporcionar experiências significativas, colaborando para a sensibilização dos estudantes acerca dos temas ministrados. Desta forma, é preciso “romper com práticas metodológicas repetitivas, sem criatividade e de optar por formas de avaliação flexíveis que valorizem diferentes modos de expressar as aprendizagens” (Pintor, 2022, p. 30). É nessa perspectiva que, no tópico seguinte, serão apresentadas experiências exitosas realizadas pelo NEPGS no IFRS Campus Bento Gonçalves.

A escolha das ações apresentadas se pauta na relevância destas em seu contexto de realização, bem como quanto à adesão de estudantes a estas atividades. De igual modo, procurou-se ressaltar a variedade de propostas de atuação promovida pelo NEPGS BG,

demonstrando sua preocupação não apenas em envolver a comunidade interna, mas também de atender ao público externo ao espaço escolar, compreendendo o espaço educativo em uma perspectiva ampla. Por fim, destacaram-se algumas ações que foram realizadas durante o período pandêmico, no intuito de que, mesmo em um momento de incertezas e de preocupação com os efeitos da Covid-19, o Núcleo manteve-se em sua missão institucional de disseminar conhecimento de qualidade e de ser um espaço de acolhimento e trocas de saberes e afetos.

NEPGS BG: resistência e protagonismo estudantil

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do campus Bento Gonçalves (NEPGS BG) se constitui não apenas como um local de resistência, mas de encontros e afetos. Criado em 2015, ao longo de seus dez anos de existência, o NEPGS BG promoveu diversas atividades relativas à defesa dos direitos humanos, propiciando aos estudantes um exercício formativo horizontal de respeito às diferentes formas de estar no mundo. Os caminhos pelos quais este local de divulgação de valores humanísticos foi instalado no ambiente escolar demonstra a importância do protagonismo juvenil para a transformação da escola em um local mais seguro e inclusivo para todos. Pode-se definir que:

Protagonismo é a atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva. Envolvendo se com as questões da própria adolescência/juventude, assim como, com as questões sociais do mundo, da comunidade... Pensando global (O planeta) e atuando localmente (em casa, na escola, na comunidade...) o adolescente pode contribuir para a assegurar os seus direitos, para a resolução de problemas da sua comunidade, da sua escola. (Maria Eleonora Lemos Rabêllo, 2004, p. 1)

Assim, a instauração de um local em que os discentes pudessem identificar situações-problema na escola e em que pudessem pensar, de modo conjunto, soluções para resolver os impasses referidos, culmina no estímulo ao desenvolvimento de outras competências educativas, como a compreensão do exercício efetivo da cidadania. O NEPGS do campus Bento Gonçalves nasce da demanda de estudantes em relação ao conhecimento sobre seu próprio corpo e sobre a necessidade de propor atividades que difundissem informações de qualidade a respeito de doenças sexualmente transmissíveis. O histórico do núcleo explicita que:

O objetivo inicial dos estudantes era desenvolver um aplicativo voltado ao esclarecimento acerca de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) especificamente para mulheres que mantêm relações homoafetivas. No entanto, com o desenrolar das reuniões, o grupo foi percebendo outros interesses, especificamente no sentido de constituir um espaço para debater e aprofundar seus conhecimentos acerca dos temas relacionados a gênero e sexualidade. (Janine Trevisan; Josiane de Souza, 2022, p. 11)

Logo, os debates possibilitaram a percepção de uma série de violências que ocorriam no espaço da escola e se tornou evidente a importância de um local seguro para conversar e alimentar um processo de empoderamento dos grupos minoritários que integram o ambiente escolar. Neste contexto, uma situação na qual uma discente do Ensino Médio Integrado passou a receber ataques misóginos nas redes sociais acarretou na decisão de criar um grupo que se formava com o objetivo de debater as diferentes experiências de gênero e promover uma ação que denunciasse as agressões sofridas não apenas pela jovem, mas por outras estudantes do campus. Os alunos que participavam das discussões sugeriram que fossem elaborados cartazes que contivessem frases violentas dirigidas às meninas e estudantes da comunidade LGBTQIAPN+, no intuito de que todos os membros do espaço escolar tivessem ciência do que ocorria cotidianamente em um ambiente que deveria ser acolhedor e respeitoso.

FIGURA 1: Ação de fixação de cartazes na escola



Fonte: Acervo do NEPGS BG, 2015.

Assim sendo, com o auxílio de servidoras do campus que auxiliavam na condução das leituras e discussões sobre as questões de gênero, foram pendurados vários cartazes

com frases impactantes e que geraram uma série de reações, desde a solidariedade às vítimas, até atos que procuraram calar as denúncias. Neste último caso, muitos cartazes foram rasgados ou tiveram seus escritos riscados. Após este momento, que teve um interessante caráter pedagógico, na medida em que revela tanto as rupturas com o status quo quanto as tentativas de manter ou minimizar a violência estrutural de gênero presente na escola e na sociedade, foi realizada uma série de rodas de conversa para que os estudantes pudessem compartilhar suas impressões e o aprendizado que a ação proporcionou. De igual modo, buscou-se sanar dúvidas sobre os temas de gênero e sexualidade, afirmando a importância de reconhecer o quanto as disparidades de poder entre corpos identificados como masculinos e femininos incentivam a violência em relação às mulheres, bem como sobre outros grupos subalternizados.

A instauração de debates e ações que abordam a temática de gênero encontram constante resistência de parte da sociedade, a qual desconhece o significado destes termos, envoltos constantemente em discursos falaciosos. A compreensão das desigualdades que sustentam uma visão de mundo patriarcal, que oprime um número significativo de indivíduos, que se veem na obrigação de reproduzir determinadas performances, teria um evidente potencial de transformação da realidade, mudança que não interessa àqueles que se beneficiam da situação existente. É importante questionar os motivos pelos quais muitos atores sociais buscam cercear as discussões relativas a gênero, observando que:

O que nos parece é que problematizar as hierarquias/desigualdades/violências de gênero representa um risco direto ao modelo nomeado como família tradicional, que é patriarcal (e, inclusive, violento), e que subalterniza mulheres e crianças em favor da hegemonia do patriarca. Ao que parece, decorre daí a necessidade de associar certa malignidade ao gênero feminino e submissão aos corpos infantis, inserindo-os no dispositivo de poder que os discrimina a partir de uma lógica heteronormativa, adulta, fálica e cisgênera. (Ana Letícia Bonfati; Aguinaldo Rodrigues Gomes, 2018, p. 112-113)

A realização desta primeira atividade de sensibilização para as constantes agressões sofridas por alunas e alunos do campus demonstrou a necessidade de institucionalização do grupo formado por estudantes e servidores alinhados ao combate à violência de gênero, no intuito de respaldar as ações futuras. Assim, em dezembro de 2015, foi emitida uma portaria na qual o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do campus Bento Gonçalves, constituído por estudantes, em sua maioria de Ensino Médio Integrado, e servidoras da instituição, foi oficializado. A partir deste

momento, o grupo passou a organizar reuniões periódicas e elegeu sua primeira coordenadora, a Professora Dra. Janine Bendorovicz Trevisan, docente de Sociologia do campus. Simultaneamente à organização de um aparato burocrático que oferecesse solidez ao núcleo e da apropriação da documentação existente a nível institucional, foram produzidos materiais de divulgação, procurando também atingir a comunidade externa.

FIGURA 2: Entrega de material informativo sobre o NEPGS



Fonte: Acervo do NEPGS BG, 2016.

Desde o início, foram estabelecidas reuniões periódicas, nas quais os estudantes poderiam expressar seus posicionamentos e dúvidas, além de compartilhar experiências. O núcleo, em sua forma de implementação, propiciava não apenas a apreensão de conceitos fundamentais para entender a realidade, mas também atendia à necessidade de praticar a cidadania, estimulando o exercício da crítica e da criatividade para buscar soluções. O NEPGS BG constitui-se, assim, um local no qual o discente vale-se de sua voz para discutir tópicos que lhe interessam, sendo os estudantes responsáveis pela pauta dos debates. Portanto, questões como relações abusivas, masculinidade tóxica, entre outras, foram abordadas nas reuniões, sendo os alunos incentivados a pesquisar e compartilhar informações.

FIGURA 3: Roda de Conversa do NEPGS

Fonte: Acervo NEPGS, 2016.

A atuação do NEPGS BG sempre procurou abarcar diversas frentes, preocupando-se não apenas com o espaço interno da escola por meio de ações contínuas, mas também na realização de pesquisas científicas, promovendo o ensino de habilidades em identificar informações qualificadas, mas também exercer o rigor no trabalho de dados confiáveis sobre gênero e sexualidade. Isto posto, muitos adolescentes passaram a propor investigações científicas referentes a essas temáticas, ampliando conhecimentos sobre a história das mulheres e questões relativas à comunidade LGBTQIAPN+. Os resultados das pesquisas realizadas eram partilhados entre o grupo em reuniões abertas a quem desejasse participar. Além disso, os estudantes eram incentivados a apresentar suas investigações em mostras e feiras científicas externas ao campus, no intuito de ir além da demonstração dos estudos produzidos na escola, mas de divulgar as informações obtidas e publicizar as próprias atividades do núcleo.

Ações de extensão também foram desenvolvidas de modo permanente pelos integrantes do NEPGS BG, com a finalidade de aproximar a comunidade externa da escola, ofertando cursos de excelência e que tivessem a função de se contrapor a discursos de ódio e de desinformação. Entre estas ações, o NEPGS BG ofertou uma série de palestras e ciclos de debate por meio do canal institucional na plataforma *YouTube*, atividades que foram gravadas e disponibilizadas para acesso gratuito e permanente. Os temas contemplados em tais ações eram variados e partiam de sugestões dos próprios estudantes, tendo por finalidade, também, demonstrar a diversidade no interior dos grupos

minoritários. Os discentes poderiam, desta forma, observar que a concepção envolvida no termo “mulher” é de grande complexidade, interseccionada por elementos não apenas de gênero, mas também de raça, classe, faixa etária, entre outros.

Atendendo à necessidade de dar visibilidade também às datas celebrativas importantes, o NEPGS BG promoveu atividades diversas, como Saraus em combate à LGBTQIAPN+fobia, momento em que os estudantes apresentaram poesias e no qual ocorriam atrações musicais e palestras que discutiam temas como a realidade de mulheres negras, em associação ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da instituição.

FIGURA 4: Cartaz da ação Mulheres Pretas: trajetórias e narrativas formativas



Fonte: Acervo NEPGS, 2020.

O papel do NEPGS junto à comunidade externa, no intuito não apenas de desconstruir discursos preconceituosos em relação aos segmentos sociais mais diretamente abarcados pelo núcleo, mas também de aproximar a comunidade externa do ambiente escolar, evidenciando a importância deste espaço coletivo de aprendizagens e trocas, é de grande relevância. Historicamente, há um apagamento sobre a contribuição das mulheres em diferentes áreas, tópico também abordado entre os integrantes do núcleo. Os debates sobre as questões citadas permitiram que os discentes compreendessem o processo histórico-cultural envolvido em tal realidade, rompendo com o ideário de uma

suposta ausência de talento ou genialidade entre as mulheres, algo que é, muitas vezes, difundido socialmente. De fato, o estabelecimento de uma perspectiva que naturalizava determinados papéis como femininos ou masculinos, por muito tempo, afastou as mulheres de determinadas funções e do próprio espaço público. Assim sendo, o NEPGS BG procurou resgatar a atuação feminina em áreas como a ciência e a literatura, por exemplo, abordando personagens influentes nessas esferas. Deste modo, a equipe do NEPGS, após realizar uma discussão sobre mulheres escritoras e suas obras, produziu uma série de materiais artesanais lúdicos para serem utilizados na Biblioteca Pública de Bento Gonçalves, para a qual foram doados.

FIGURA 5: Entrega de materiais artesanais para a Biblioteca Municipal de Bento Gonçalves



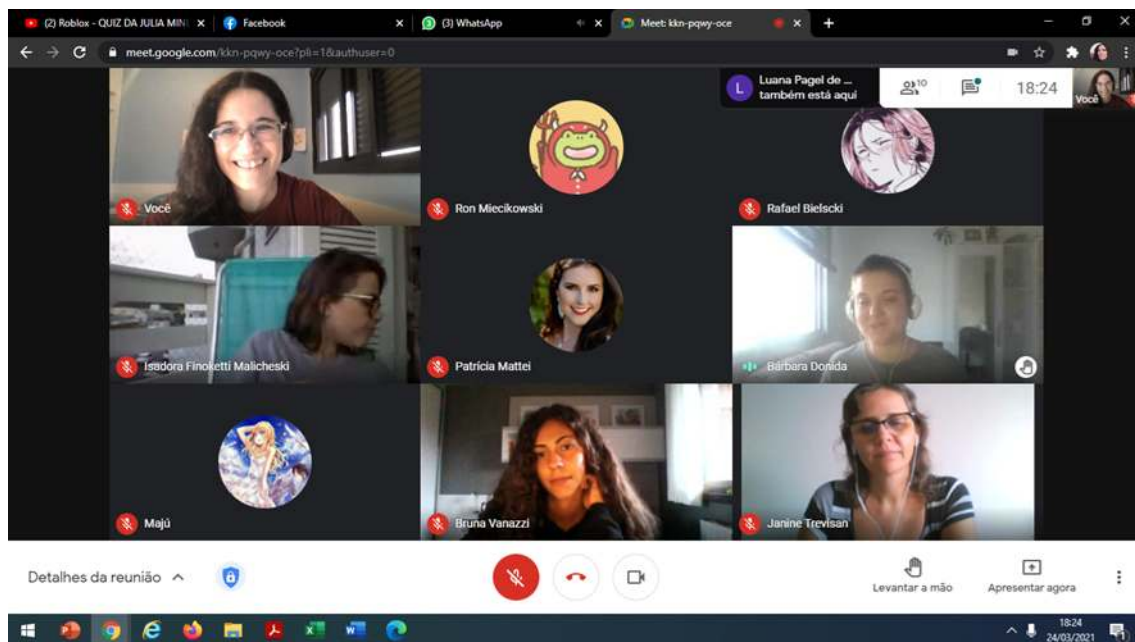
Fonte: Acervo do NEPGS BG, 2020.

Assim, foram produzidas almofadas e panos com o nome de escritoras de destaque, como Jane Austen, Isabel Allende e Carolina Maria de Jesus, além de outros recursos que destacavam personagens femininas da literatura gaúcha. Por fim, foi produzido um material lúdico, com técnicas como bordado e *patchwork*, o qual continha uma poesia de Cecília Meireles, intitulada “Ou isto ou aquilo”, voltado para o público infantil.

Ao longo dos dez anos de sua existência, o NEPGS BG também enfrentou uma série de percalços que exigiram posturas criativas e resiliência para a manutenção deste espaço de exercício democrático no interior da escola. A pandemia de Covid-19 impediu que se mantivessem as reuniões e atividades presenciais por motivos de segurança, sendo

necessária a migração para o ambiente virtual. Esta situação, em certa medida, causou desmobilização entre os membros do núcleo, dado o contexto de incertezas e da falta de acesso de muitos quanto aos recursos tecnológicos para a efetiva participação nos encontros.

FIGURA 6: Reunião virtual do NEPGS BG



Fonte: Acervo NEPGS BG, 2020.

Apesar do distanciamento físico imposto pela possibilidade de disseminação do vírus, procurou-se manter a mesma dinâmica das reuniões presenciais, sendo os tópicos e as ações selecionadas pelos estudantes. Decidiu-se pela realização de um ciclo de debates com enfoque na contribuição das mulheres em diferentes áreas do conhecimento, como Ciências Exatas, Sociais, Literatura, História e Biologia, bem como a leitura e a reflexão sobre uma obra de Carol J. Adams denominada *A Política Sexual da Carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. A cada encontro, uma das integrantes do grupo era responsável para apresentar um dos capítulos, promovendo a discussão e compartilhando as impressões relativas ao texto.

O retorno das atividades presenciais do núcleo, em 2022, revelou a desmobilização dos estudantes em relação às atividades do NEPGS BG, diminuindo de modo acentuado o número de discentes envolvidos diretamente com as ações propostas. Apesar disso, algumas atividades pontuais, como o tradicional sarau em combate à LGBTQIAPN+fobia, ainda foram capazes de agregar alunos e servidores. No entanto, a

presença nas reuniões periódicas diminuiu. Com isso, foi possível identificar que os horários de intervalo entre as aulas da manhã e da tarde, momentos preferenciais para as reuniões, passaram a ser utilizadas pelos discentes para outras atividades. Este é um desafio que se coloca ainda hoje, sendo necessário refletir tanto sobre a natureza das ações elaboradas, as quais possam ser consideradas atraentes para os adolescentes, quanto a respeito da periodicidade mais adequada para os encontros.

Entretanto, após a realização das primeiras reuniões, os discentes presentes trouxeram como tema relevante para a discussão as questões da transgeneridade, tópico que, na percepção deles, vinha gerando uma série de violências, como o desrespeito ao nome social. O espaço escolar deve ser um local de acolhimento e incentivo à empatia em relação à diversidade de pensar, ser e estar no mundo, de forma que a marginalização das pessoas que rompem com os padrões sociais de gênero pode ser um elemento de destaque na evasão escolar destes grupos. O IFRS possui uma Resolução, construída em 2016, por meio da qual orienta a necessidade de não apenas compreender o significado do nome social, mas também de respeitar a identidade de gênero destes estudantes. No Parágrafo Único do Artigo 1º, o documento explicita que

Entende-se como identidade de gênero, para fins desta Resolução, o modo com que a pessoa se percebe em relação ao sexo que lhe foi designado no momento do nascimento; a experiência subjetiva e psíquica que daí advém, podendo esta corresponder ou não ao sexo informado em seus documentos; a percepção corporal individual e outras expressões de gênero. (IFRS, 2016, p. 1)

Assim sendo, o documento possui um caráter pedagógico que ultrapassa a proposta de apenas organizar a política institucional em relação ao uso do nome social no espaço escolar, buscando esclarecer o papel inclusivo desempenhado pela escola. Dado o fato de que a escola não está alheia ao que ocorre na sociedade, é fundamental que se mantenha a vigilância sobre as diferentes situações de agressão que as pessoas transexuais constantemente experenciam, uma vez que:

É preciso refletir sobre o papel das instituições educacionais e seu compromisso com a formação e transformação da sociedade, sendo um ambiente acolhedor, principalmente para aqueles que já sofrem com a violência nos mais diversos espaços. Os alunos LGBTQIAPN+, principalmente alunas trans, não conseguem concluir seus estudos em decorrência das múltiplas violências, o que impacta diretamente no desenvolvimento das potencialidades destes indivíduos. (Gabriel da Rosa Etcheverria; Rafa Ellsa Brites Matoso, 2023, p. 32)

A partir de tal concepção relativa aos compromissos da escola como espaço de inclusão e promoção da diversidade, uma série de atividades de esclarecimento sobre tal temática foram realizadas na escola pelos integrantes do NEPGS, como a colagem de cartazes que apresentam celebridades e outras figuras midiáticas que não eram conhecidas pelo nome que consta de seus documentos oficiais, demonstrando que se a sociedade aceitava tal prática, não haveria motivos além do preconceito em não se aceitar o nome social de um indivíduo. Ao mesmo tempo, outros materiais informavam sobre a Resolução nº 054/2016, salientando que o IFRS já possui uma política de uso do nome social. Por fim, foram produzidos cartazes que salientavam que o Nome Social não é um apelido ou nome artístico, mas sim um nome escolhido pelo indivíduo e que seja condizente com sua identidade de gênero. Todas as ações propostas foram elaboradas juntamente com estudantes transexuais do campus Bento Gonçalves, postura que procurou abarcar uma perspectiva horizontal, em que aqueles mencionados pela atividade atuassem de modo decisivo para a execução das ações.

Assim sendo, é possível verificar que, ao longo de uma década de existência do NEPGS BG, este coletivo foi fundamental para o avanço do combate aos preconceitos, mas é um processo dinâmico e, sem dúvida, inconcluso, sendo fundamental a adesão de novos integrantes, abordagem de novos temas e proposições de atividades criativas. Apesar do reconhecimento da relevância do NEPGS BG, é possível identificar, ainda, a existência de violências no espaço escolar, como foi possível verificar em uma ação vinculada ao Dia Internacional da Mulher, quando um painel que continha a imagem de mulheres diversas foi vandalizado e a imagem da jogadora de vôlei brasileira transexual, Tiffany Abreu, foi riscada, sugerindo que ela não deveria ter sua imagem entre as mulheres. Em outro ato de vandalismo, um cartaz deixado nas salas de aula em que havia um convite a todas/todos/todes para participarem do núcleo teve o termo “todes” cortado, em uma clara crítica ao uso da linguagem neutra, valorizada pelos integrantes da comunidade LGBTQIAPN+.

Todavia, tais reações somente demonstram que o NEPGS BG e suas ações passam a ser conhecidas e que é necessário intensificar as atividades que sensibilizem a comunidade escolar para a diversidade de identidades de gênero e sexualidade. A primeira década de existência do NEPGS BG mostrou o empenho de seus integrantes em desconstruir preconceitos e levar informações de qualidade sobre as temáticas com as quais trabalham diretamente. Os desafios ainda se impõem e se espera que, nos próximos

dez anos, o NEPGS BG se encontre ativo e se mantenha como uma referência na luta por uma escola mais inclusiva e respeitosa para com a diversidade.

Considerações finais

Na escola, lugar de vivências, conflitos e descobertas, a realização de atividades técnicas e científicas, cujo rigor científico deve ser incontestável, não prescinde da possibilidade de uma atuação amorosa e, por que não, militante em prol dos direitos humanos e da empatia para com o diverso. A abordagem da temática de gênero desde a Educação Infantil está, de fato, muito distante do imaginário daqueles que realizam uma série de ataques infundados aos pesquisadores das temáticas de gênero e sexualidade, uma vez que estes defendem que a educação sexual se refere ao ensino de métodos para consumir relações sexuais, quando, na verdade, a proposta é que as crianças compreendam como se proteger de violências. Além disso, a perspectiva de gênero abordada no ambiente educacional permite que a criança compreenda seu corpo como um território de autonomia, e que ela pode, por exemplo, praticar futebol sendo identificada como menina ou estudar dança clássica quando compreendida como menino.

A escola pode ser um espaço transformador em relação aos olhares que hierarquizam sujeitos por meio dos papéis atribuídos de acordo com a genitália de seu nascimento. Assim, ela não pode ser identificada como um local neutro, frente às situações de violência e preconceitos que estão presentes na sociedade. Por isso, o surgimento e a existência do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade no IFRS campus Bento Gonçalves foi essencial para promover uma educação inclusiva e acolhedora.

Por fim, é fundamental evidenciar a importância de referir os tópicos sobre gênero, sexualidade e raça em sala de aula, ressaltando, por meio da prática cotidiana nas mais diferentes matérias escolares, que as desigualdades entre os corpos partem de uma construção sociocultural que pode - e deve - ser desconstruída.

Referências

BONFANTI, Ana Letícia; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 105-121, 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/468a/79559526c432c563fd5d5dda6fa60ff69dce.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2025.

ETCHEVERRIA, Gabriel da Rosa; MATOSO, Rafa Ellsa Brites. Vivências Trans: notas introdutórias sobre estranhamento e acolhimento de gênero. In: SONZA, Andréa Poletto, et.al. **Letramento de gênero: aqui não é um tabu, e aí?**. Porto Alegre: IFRS, 2023, p. 25-37. Disponível em: <https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/999>. Acesso em: 01 mar. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Resolução nº 054, de agosto de 2016**. Disponível em: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/2016861617627resolucao_054_16_nome_social.pdf. Acesso em: 04 mar. 2025.

PINTOR, Nelma Alves Marques. Educação inclusiva e democracia: reflexões sobre avanços, retrocessos e resistências no contexto contemporâneo no Brasil. **Revista Aleph**, Niterói, v. 3, n. 39, 2022, p. 27-44. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/download/54665/33422/198940>. Acesso em: 20 mar. 2025.

RABÊLLO, Maria Eleonora Lemos. **O que é protagonismo juvenil**. Bahia: MIAC, 2004. Disponível em: https://cursosextenso.usp.br/pluginfile.php/52863/mod_resource/content/2/Protagonismo%20juvenil.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

SEFFNER, Fernando. Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação. **Educação Unisinos**, v. 20, n. 1, p. 48-57, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4496/449645666006/html/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SEFFNER, Fernando; BARZOTTO, Carlos Eduardo. Tira gênero, bota gênero: cultura escolar, diversidade e desigualdade. **Revista Interterritórios**, Recife, v. 10, p. 01-24, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/262077>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SEFFNER, Fernando; PENNA, Fernando. Educação democrática e equidade de gênero. **Retratos da escola**, v. 18, p. 39-57, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v18i40.1879>. Acesso em: 23 fev. 2025.

TREVISAN, Janine Bendorovicz; SOUZA, Josiane de. Trajetória do NEPGS – IFRS campus Bento Gonçalves: As primeiras ações. In: FERREIRA, Letícia Schneider (Org.) **Gênero e Diversidade no Ambiente Escolar: a experiência do Núcleo de Estudos em Gênero e Sexualidade do IFRS – Campus Bento Gonçalves**. [recurso eletrônico]/ organização Letícia Schneider Ferreira. – 1.ed. – 2022. Bento Gonçalves, RS: IFRS, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifrs.edu.br/bitstream/handle/123456789/770/123456789770.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2025.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.